

Combate ao aquecimento vive momento decisivo

Nicholas Stern, economista que trouxe as mudanças climáticas para a agenda de governos, alerta para urgência de medidas

Martha San Juan França

mfranca@brasileconomico.com.br

Para o economista britânico Nicholas Stern, o modo como o mundo vai enfrentar a próxima década será decisivo. “Se não conseguirmos caminhar para uma economia de baixo carbono e as emissões de CO₂ continuarem no mesmo ritmo, o planeta estará correndo sério riscos”, afirmou. Em passagem por São Paulo, a convite da gigante de varejo Walmart, ele falou sobre a ligação entre os desafios das mudanças climáticas frente à necessidade de vencer a pobreza.

Stern referiu-se especialmente ao Brasil, país que ele considera uma liderança importante em questões climáticas. Fez elogios pelo combate à pobreza e pela agenda positiva adotada pelo presidente Lula na Conferência Mundial sobre o Clima (COP15), em Copenhague. Mas fez críticas também, especialmente ao desmatamento da Amazônia. “O mais importante é reduzir a pressão da agricultura e dos madeireiros sobre a floresta”, disse. “Para isso, a resposta é investir em eficiência e assistência técnica para maior ganho de produtividade e dar incentivo às comunidades locais para proteger os ecossistemas.”

Pressão do crescimento

Especializado em questões de desenvolvimento e finanças, o ex-economista-chefe do Banco Mundial disse que o Brasil conseguiu crescer e tornou-se um bom país para investir. “O desafio para o próximo presidente, seja ele quem for, será manter esse crescimento com redução da desigualdade e da pobreza”, disse. Além disso, acrescentou, “nas economias em expansão, a pressão por mais matéria-prima, mais água, mais energia é mais forte e também os impactos sobre o meio ambiente. A questão será manter esse crescimento de forma sustentável”.

“

Nas economias em expansão, a pressão por mais matéria-prima, água e energia é mais forte e também os impactos sobre o ambiente. A questão será manter esse crescimento de forma sustentável

Nicholas Stern,

autor do livro *O caminho para um mundo mais sustentável*

Alan Weller/Bloomberg



Stern elaborou relatório, feito a pedido do governo britânico, sobre os impactos financeiros do aquecimento global

Stern continua fiel aos dados divulgados no relatório encomendado para medir os impactos do aquecimento global, que leva o seu nome. O relatório diz que, para evitar situações naturais e políticas catastróficas que ocorreriam se a temperatura do planeta subir mais de 2°C, será preciso diminuir as emissões das 48 bilhões de toneladas de carbono atuais para 35 bilhões de toneladas até 2030; e 20 bilhões de toneladas até 2050. Isso significa a necessidade de baixar as 7 toneladas de carbono que cada pessoa emite hoje para 2 toneladas em 2050.

Como isso será possível? Não há receitas prontas, diz o economista, mas a resposta passa pela eficiência energética e o desmatamento zero. E pela economia de baixo carbono, não necessariamente baseada em uma mesma fonte de energia. Ele citou o exemplo de vários países que estão procurando alternativas para sua matriz energética - Portugal que busca garantir eletricidade pela energia solar e eólica; França que está usando energia nuclear; Islândia que investe em energia geotérmica; e Brasil, que vai atrás de biocombustíveis e água.

Para Stern, o desafio da próxima década passa também pela informação. “É preciso fazer com que as pessoas saibam o que estão comprando quando consomem produtos que usam muita energia”, explicou.

Valor da biodiversidade

Stern se referiu também ao relatório Economia de Ecossistemas e da Biodiversidade (Teeb, em inglês), que busca medir o impacto causado pelas perdas da diversidade biológica, seguindo o modelo de mudanças climáticas. Na sua opinião, a tentativa é válida, mas é muito mais difícil de ser feita, porque se refere a riscos futuros e a recursos que ainda não foram bem dimensionados. ■